

A galinha alourada



A galinha loura de farmácia, vinda de Itália, cantava **Coccodè, Coccodè, Coccodè**. Gostava de tomar leite e de banho de sol. Como pensava que era muito fina, não punha ovos e defendia que milho era comida de galinha sem sobrenome. Chegou a dar aulas de boas maneiras para as franguinhas casadoiras. Graça só tinha no nome: “das graças”. Viera de outras cortes e se instalou perto de um terreiro de café. Ali montou uma banca de advocacia, mas era figura pouco grata na região. A doutora, advogada de porta de galinheiro, mal afamada e incompetente não conseguia sobreviver do trabalho e resolveu viver só da galinhagem. A causa que mais lhe rendeu frutos foi advogar junto ao frango bebum da cidade para ajudá-la a conquistar um galo com quem dera umas voltinhas nos tempos de adolescência. Esse era seu leme: antes dividir com outra do que ficar só. Aproximação feita, pagou o bêbado com cevada.

O galo era comprometido, mas tinha fama de galã e de ciscar em outros terreiros: Cocoricó, cockledoodledo; quiquiriquí. A galinha loura foi colocando amendoim no caminho para atraí-lo até que o levou para um galinheiro de cerca branca e porteira azul. Moeu milho, fez fubá e serviu-lhe angu com abobrinha e carne moída. O seduzido solfejava **chicchirichì, chicchirichì, chicchirichì**, cantando de galo no poleiro preparado pela galinha alourada. Foi ficando por ali e se acomodou. A doutora virou sua empregadamante. Em troca do leite, liberou a croaca.

O rendez-vous **Coccodè, Coccodè, chicchirichì, chicchirichì** foi se repetindo até que a galinha d’angola colocou ordem no terreiro e o galo passou a fazer **piu piu piu** para agradar aquela que manda no quintal. Ao contrário da vadiagem da galinha alourada, é da natureza da galinha d’angola garantir seu próprio sustento e fazer o controle de pragas. O equilíbrio voltou ao ambiente.

A loura de farmácia acreditava que era Helena de Troia, a galinha mais bela do mundo. Coitada, não era nem bela e nem filha de Zeus. Achou que em 10 anos resolveria a parada e o caso transitaria em julgado, mas passaram-se mais de 20 e o galo continuava sem declarar seu amor. Afinal ele nem se chamava Páris e nem a raptara. Nunca fora apaixonado por ela e nunca lhe prometera nada. Não quis guerrear por ela. Virou as costas e foi ciscar no terreiro original protegido pela galinha d’angola. A doutora não quis mais olhar para a cerca branca e mandou pintar de amarelo desintérico. Ficou cada vez mais reclusa em seu poleiro com medo da galinha d’angola.

Quá quá quá; glu glu glu; miau-miau, méé, méé; múuúu... O caso virou assunto na fazenda.

Das Graças perdeu seu coronel, mas continuou com seu patrocínio. O dinheiro do leite não lhe faltava e isso era muito bom porque tinha pressão alta e estava velha para voltar a galinhar. Ficou sozinha e não demorou a ir para a panela por ordem da mulher do fazendeiro, que não queria mais problemas na propriedade da família.

Mas a doutora era tão dura que ninguém conseguiu comer.